

A REGIONALIDADE URBANA NA POESIA DE SEBASTIÃO UCHOA LEITE

Rosana Nunes Alencar (Universidade Federal de Rondônia)

Resumo: A produção poética de Sebastião Uchoa Leite se constitui de labirintos que tangenciam os modos de representação do sujeito e do espaço sob a perspectiva da suspeição. É uma poesia que privilegia a construção de “espaços-entre”, promovendo assim o cruzamento de fronteiras próprias da contemporaneidade. A tessitura desses espaços e suas múltiplas relações com os “in-seres” que por ele transitam permitem circunscrever a poética de Uchoa Leite no território da regionalidade urbana, haja vista “a construção simbólica” desse espaço num processo de “invenção discursiva”, como propõe Rogério Haesbaert (2010). Assim, é objetivo deste trabalho, que tem por *corpus* poemas dos livros *A ficção vida* (1993) e *A espreita* (2000), investigar a percepção que o poeta tem do Rio de Janeiro, nessa poesia, organismo inventado pela subjetividade artística. Para tanto, serão utilizados textos teóricos e críticos que discutem as concepções de região, regionalismo e regionalidade, como o de André Tessaro Pelinser, de José Clemente Pozenatto (2009) e de Rogério Haesbaert, além é claro, de estudos que tratam da contemporaneidade.

Palavras-chave: Regionalidade, espaço urbano, Sebastião Uchoa Leite.

1. Demarcação do território

“O urbano é o anti-regional por excelência”. Assim se pronuncia Cristóvão Tezza na entrevista concedida a Dinalva Barbosa da Silva, que tinha por foco a discussão sobre o regionalismo literário¹. Como se vê, para o escritor curitibano (e para muitos críticos literários brasileiros também) o regional e o urbano pertencem a polos dicotômicos. Basta percorrer a historiografia, teoria e crítica literárias brasileiras do final do século XIX até os dias atuais para perceber que no centro das discussões que tangenciam o regionalismo literário está a oposição campo/cidade.

¹ A entrevista foi realizada no dia 07/10/2010, durante o XV SELL – Seminário de Estudos Linguísticos e Literários da UNIR – Universidade Federal de Rondônia, Campus de Vilhena. Motivado pela pergunta da entrevistadora que inqueriu o escritor sobre a existência de um regionalismo urbano, Cristóvão Tezza, autor de *O trapo*, *Uma noite e Curitiba*, *O filho eterno* e outros livros, destacou que os espaços urbano e rural são demarcados por processos diferentes, enquanto este delineia-se em função da própria natureza, aquele é “feito no papel”. Por isso, segundo o escritor, “a composição da cidade violenta a geografia” e, por extensão, o sujeito também é violentado.

A demarcação de fronteiras entre o rural e o urbano até poderia estar (mais ou menos) definida quando havia certo isolamento comunicacional entre regiões, fazendo com que as particularidades constituíssem a identidade de determinada cultura. Mas nas últimas décadas, os avanços tecnológicos colocaram as pessoas em contato virtual com o mundo e, conseqüentemente, as fronteiras se diluem e as noções de campo e cidade, dentro e fora, próximo e distante, presente e passado se problematizam, isso quando não se esvaziam. Talvez, pensando nisso, em outro momento da entrevista citada, Cristovão Tezza, não mais enunciando um ponto de vista tão antagônico entre o regional e o urbano, destaca “que hoje já não há, propriamente, um limite regional” (idem), porque os espaços sejam urbanos, sejam rurais (mais aqueles, pois é para a cidade que a população brasileira tem afluído depois dos anos de 1950), abrigam muitas culturas e se mostram com múltiplas faces.

Zygmund Bauman, no livro *Modernidade líquida* (2001), destaca que o “derretimento” das fronteiras (sejam elas de natureza, geográfica, cultural, política etc.) é uma condição da contemporaneidade. Segundo esse sociólogo polonês, “O que está acontecendo hoje, é por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos ‘poderes de derretimento’ da modernidade” (2001, p. 13). Reside nessa condição, pelo menos do ponto de vista geográfico, uma forte tendência à reterritorialização, ou “desterritorialização”, como prefere Flora Süssekind, pois os sujeitos que transitam pelos diferentes espaços desenvolveram, com eles, uma relação de não pertencimento, lembrando Marc Augé (2012).

Essas constatações permitem formular uma questão bastante desafiadora para os estudos literários: considerando que a globalização afeta todos os espaços em função de sua maleabilidade, considerando ainda que apenas 30% da população brasileira vive no campo, seria pertinente dizer que existe hoje um processo de “desregionalização”? Flora Süssekind, no ensaio *Desterritorialização e forma literária: literatura brasileira contemporânea e experiência urbana* (2002), entende que, especialmente na produção literária contemporânea das duas últimas décadas, ocorre um fenômeno que chama de “hipertrofia de um dos pólos” (2002, p. 11). O pólo a que se refere a ensaísta é o regional, pois:

É predominantemente urbana a imaginação literária brasileira nas últimas décadas. O que se evidencia até mesmo em relatos de forte teor regional (como os de Raimundo Carrero), em histórias de migração e inadaptação social (como em *As Mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto), ou nas quais rastros da experiência rural se justapõem por vezes a um cotidiano citadino (como em alguns dos contos de *Angu de Sangue*, de Marcelino Freire). (2002, p. 11)

É importante registrar que Flora Süssekind aponta para “uma reconfiguração artística das tensões entre localismo e cosmopolitismo, rural e urbano” (2002, p. 11) que não desenha necessariamente um processo de “desregionalização” mas, no mínimo, propõe uma mudança de abordagem crítica à medida que o par dicotômico campo **ou** cidade pode ser investigado pelo viés campo e cidade. Esse deslocamento em relação ao modo de investigação de obras literárias, em especial as regionalistas, afasta-se das proposições mais tradicionais, pois considera a noção de regionalidade no texto literário, apreendida aqui, para fins de delimitação conceitual, como “rede ou feixe de relações particularizadas pelos elementos de uma dada cultura” (POZENATO, *apud* PELINSER, 2010, p. 108). Vê-se que o crítico gaúcho compreende a regionalidade como um processo dialético, catalisador dos modos de ser, pensar e agir identitários de uma região. Ora, essa região pode ser o campo, a cidade, o campo imbricado na cidade ou vice-versa. Todavia, independentemente da representação espacial, até porque hoje já se fala em “ciber-regionalidades”², o que se sobressai, no caso da literatura, é a maneira poética de se posicionar diante do mundo mediada pela linguagem. A elaboração dessa linguagem considera a percepção de uma dada região em sua dimensão simbólica, pois, embora filtrada pela subjetividade de quem a pratica, relações de ordem social e cultural participam do processo de elaboração. Por isso, hoje se fala de regionalidade como prática, modalidade e relato.

Soma-se a essa posição aquilo que pode ser compreendido como função da regionalidade nos estudos literários, pois “permite compreender como a arte da palavra sintetiza os espaços regionais e lhes expande a significação simbólica” (PELINSER, 2010, p. 115). Pesquisas aventadas nesse sentido têm, no mínimo, problematizado o fato já instituído por boa parte da crítica literária brasileira que compreende o regionalismo

² Juliana Rossa discute essa questão na pesquisa *Representações de Regionalidade e identidades em blogs de brasileiros residentes na Itália*. Caxias do Sul: UCS, 2010. Dissertação de Mestrado.

como sinônimo de literatura de validade estética questionável, ou seja, o regionalismo é usado como critério para valorar a literatura. Estudo recente de André Tessaro Pelinser (2010) procura tirar o regionalismo literário do beco em que foi alojado por quase um século e meio (desde Alencar até o final do modernismo). No artigo *Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro*: uma perspectiva de estudo, o autor propõe, na esteira de Pozenato, uma leitura dessa tendência considerando o fato literário em suas relações tanto com o espaço de uma dada região como com o sujeito que o percorre. Tem-se, portanto, que a regionalidade de uma obra literária lhe expande o universo de significação não somente porque se volta, como num movimento de força centrípeta, para a análise dos elementos mínimos que constituem o espaço transfigurado ficcionalmente, mas também porque, impulsionada pela força centrífuga, propõe a leitura desse mesmo objeto literário numa relação de comunicabilidade entre as obras de tempos e espaços distintos.

Embora ocupe um lugar de fala distinto de Pozenato e de Pelinser, o geógrafo Rogério Haesbaert partilha da ideia de que a regionalidade envolve a criação simbólica da região (2010). Dessa perspectiva emerge a concepção de que o regional se configura a partir de uma prática discursiva, ou seja, é o *dizível*, mais do que o *visível* que molda o vivido, pois o reinventa. Segundo Haesbaert (2010, p. 10), pode-se falar em “discurso regionalista – ou se quisermos da regionalidade” quando há uma tensão entre o *dizer* e o *ver*, pois essa é uma das formas de instituir a verdade.

Assim, Pozenato, Pelinser e Haesbaert, numa leitura a contrapelo, discutem o regionalismo (literário ou não) sem o estreitamento de conceitos a que essa tendência por muito tempo esteve confinada. A noção de regionalidade como espaço dinâmico tem como ponto nodal a perspectiva de diluição de fronteiras. Isso possibilita a realização de estudos em que a invenção literária sintetize também os espaços urbanos e os ressignifique, como faz Sebastião Uchoa Leite.

2. Desteritorialização

Do ponto de vista da configuração do espaço, entendido para efeito deste estudo como lugar de “trânsito dos sujeitos ficcionais” (BRANDÃO, 2007, p. 208), a produção

poética de Sebastião Uchoa Leite é eminentemente urbana. Desde a publicação dos primeiros livros, nos anos de 1960, até o aparecimento de *A regra secreta* (2002), último livro publicado pelo poeta pernambucano, há um desfile de lugares que, *a priori*, mais parece um mapeamento de grandes centros urbanos. Recife, Olinda e Rio de Janeiro são algumas das cidades por onde “in-seres” transitam numa atitude de espreita. Aliás, ocultamento e suspeição, seja do espaço, do sujeito ou da linguagem, são um movimento recorrente nessa escritura influenciada pelo estilo cinematográfico de filmes de suspense.

É fato que a construção do espaço urbano e dos elementos que o acompanham converte diversos poemas de Sebastião Uchoa Leite em micronarrativas (SÜSSEKIND, 2002, p. 19). Esse é o caso de poemas da seção “Anotações” do livro *A ficção vida* (1993) e da seção “A espreita”, do livro homônimo (2000), que neste estudo serão considerados. Nessas seções, o universo urbano apresenta-se como resultado da tensão existente entre o espaço propriamente dito e os sujeitos que o percorrem. Relações assim trazem à tona a conjuntura psicológica, histórica, social, cultural e ideológica de uma dada realidade.

A poética de Sebastião Uchoa Leite revela o espaço urbano “não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, onde se cruzam lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas” (GOMES, 2008, p. 24). Essa condição, que permite pensar a cidade como rede de significados móveis e instantâneos, manifesta-se de modo recorrente na poesia de Uchoa Leite. No poema “Spiritus ubi vult spirat”, o discurso plástico composto a partir de colagens e fragmentos revela uma percepção cosmopolita que se apoia em cortes seletivos:

Spiritus ubi vult spirat

Atravessando em câmara rápida
 A presidente Vargas
 Deparei-me sus
 Com uma sobrevivente
 Da magrém ad hoc
 Dos orbes concentracionários
 Erguia a saia
 Mostrando a câmera escura
 Entre os bólidos

Batia uma foto
O espírito sopra onde quer
Iam todos radiosos
Indiferentes
Para as mangedouras
Depois a moral:
Primum vivere
Deinde philosophari (p. 63)

O poema “Spiritus ubi vult spirat” faz parte da seção “A espreira” do livro homônimo. Desde o título, o poema instaura um processo de desterritorialização espaço-temporal. O título em latim evoca, na superfície, a cultura do povo romano que está na base da formação do povo brasileiro. Porém, mais do que isso, insinua também a presença do povo judeu em razão de ser exatamente a transcrição do versículo bíblico registrado em João 3:8 que traduzido significa “O espírito sopra para onde quer” (*Tradução do Novo Mundo*, 1986, p. 1329). Assim, o título agrega traços de duas culturas política e culturalmente assentadas em posição de confronto. Mas essas culturas deslocadas no tempo (contemporaneidade) e no espaço (o da poesia) promovem uma desterritorialização no sentido que se movimentam e re-significam o já instituído. Eis uma das formas de Uchoa Leite apresentar, via linguagem artística filtrada pela sua subjetividade, a dimensão simbólica do espaço, constituindo, portanto, aquilo que Rafael José dos Santos chama de “relações de regionalidade” (2009, p. 15) e José Clemente Pozenato interpreta como “modalidades de relações sociais” (2003, p. 155).

Do ponto de vista do sentido, a expressão latina “spiritus ubi vult spirat” revela como o passado pode participar na construção da imagem do presente e engendrar uma operação memorialista que desestabiliza fronteiras e cria linhas de fuga. O significado da expressão latina (“O espírito sopra para onde quer”) pode ser lido como uma metáfora da condição da poesia contemporânea que dialoga com a arte e a cultura de outras épocas. O sentido literal da expressão evoca a ideia de liberdade. No poema em questão, essa liberdade é palavra de ordem, porque se manifesta no diálogo entre culturas (romana/latina/brasileira) e na construção temporal que alinhava passado e presente.

Todavia esse diálogo se dá de maneira tensa em razão do espaço onde tudo acontece: a cidade. Mais precisamente a cidade do Rio de Janeiro identificada no poema pela alusão à “presidente Vargas”, avenida central da “Cidade Maravilhosa”. A avenida,

metonímia de um grande centro, no poema em foco é palco de múltiplos conflitos típicos do universo urbano. Isso acontece porque, segundo Joseph Ryckwert,

A cidade atual é uma cidade de contradições; ela abriga muitas etnes, muitas culturas e classes, muitas religiões. Essa cidade moderna é fragmentária demais e está cheia demais de contrastes e conflitos: consequentemente ela tem muitas faces, não uma única apenas. (RYCKWERT, 2004, p. 8)

As múltiplas faces da cidade, aludidas pelo historiador de arte britânico, ganham um contorno singular na poesia contemporânea de Sebastião Uchoa Leite. O poeta pernambucano conhecia bem cada pedaço do Rio de Janeiro, por isso muitos flagrantes do cotidiano são tematizados em suas “micronarrativas” poéticas. Mas, no caso de Uchoa, o leitor poderá sempre esperar pelo inusitado. No poema “Spiritus ubi vult spirat”, o inusitado se desenha em meio a uma cena burlesca do universo cosmopolita. Enquanto a massa segue indiferente para a “mangedoura” [sic], a atitude de uma mulher, aparentemente louca, que levanta a saia e mostra sua intimidade aos passantes chama a atenção de um observador anônimo. O comportamento desautomatizado da mulher, em flagrante demonstração de liberdade já enunciada desde o título do poema, rompe com o comportamento automático de pelo menos um dos transeuntes, o sujeito observador. Em atitude de espreita, esse sujeito vê e descreve a cena em câmera rápida e revela o espaço urbano construído a partir de uma montagem plástica bem próxima da técnica dadaísta utilizada por Picasso. Assim, a cidade se desterritorializa porque sua identidade projeta-se como marcada pela transitoriedade que, no poema de Uchoa, desenha-se em razão da evanescência presente na brevidade das ações e na indefinição das personagens (“Deparei-me sus/Com uma sobrevivente”).

Em meio à confluência, à multiplicidade de ações, é o ato súbito da “sobrevivente *ad hoc*” que produz um momento de epifania. A cena construída em torno de uma metáfora, “Erguia a saia/Mostrando a câmera escura/Entre os bólidos/Batia uma foto”, dá ao sexo da tresloucada uma percepção particular. A organização de campos semânticos em oposição (claro x escuro/brilho x sombra) participa do sistema de relações metafóricas que sugerem e fazem o poema ganhar sentido. Mais uma vez, como é recorrente na poética de Uchoa Leite, é a condição humana de “in-ser” (termo criado pelo poeta para o título de um dos poemas do livro *A espreita*) que se manifesta.

A linguagem literária abre espaço para a degradação da vida nas ruas dos grandes centros como forma de denúncia sugerida. Para isso, o poeta, hábil em criar a partir da insinuação, como diz Davi Arrigucci Jr. “prefere o viés, a sombra, o fascínio difícil” (2000, p. 1).

No entanto, a desterritorialização, na literatura contemporânea, também pode ser considerada quando se pensa o poema como espaço da linguagem. Nessa perspectiva, Luis Alberto Brandão destaca que “a linguagem é espacial porque é composta de signos que possuem materialidade” (2007, p. 212) e acrescenta ainda a partir dos estudos de Roland Barthes que “o texto literário é tão mais espacial quanto mais a dimensão formal, ou do signifiante, é capaz de se destacar da dimensão conteúdística, ou do significado” (BRANDÃO, 2007, p. 213).

Interessante que no espaço poético essa realidade é transfigurada e se expande simbolicamente em função dos procedimentos artísticos adotados. Assim, vale registrar o uso inusitado de expressões latinas presentes no título e em outros versos ao longo do poema (“Spiritus ubi vult spirat”, “sus” “ad hoc”, “orbes”, “Primum vivere” “Deinde philosophari”). É como se o poeta percebesse que um ato inusitado merecesse uma linguagem também inusitada. Mas não só isso, pois a presença das citadas expressões latinas, ironicamente, desnudam intensas contradições políticas e sociais. A sobrevivente que desestabiliza a rotina dos passantes encontra-se ali para esta finalidade, fato anunciado pelo uso da expressão “ad hoc” que literalmente significa “para isto”. Aos transeuntes que seguiam “Indiferentes/Para as mangedouras” [sic] é aplicada a máxima “primeiro viver/depois filosofar”. Ao sujeito observador está relacionado o termo “sus” que significa “porco”, substantivo que nessa construção exerce a função de adjetivo. São, portanto, três categorias humanas distintas que foram singularizadas pelo modo particular como poeta se apropriou de um dado estrangeirismo.

Desse modo, a espacialidade literária de “Spiritus ubi vult spirat” discute a condição da poesia na contemporaneidade à medida que se revela como uma poética em constante processo de desdobramento. No caso específico do poema em foco, esse desdobrar-se encontra eco na instabilidade da forma, porque a estrutura do poema

agrega os elementos típicos da narrativa, como narrador, personagens e espaço, numa posição de sintonia com a realidade.

O espetáculo da miséria humana focaliza uma realidade social povoada por indigentes incapazes de tomar consciência de sua condição. Essa percepção ganha relevo em poemas da série “Anotações”, do livro *A ficção vida* (1993). A série compõe-se de 18 poemas que “convidam o leitor a olhar cenas da urbe, antes imperceptíveis. Não por serem invisíveis aos olhos, mas por se encontrarem banalizadas, diante da pressa no dia-a-dia” (SILVA, 2005, p. 112).

Anotação 9:

A obra lírica

Certa vez vindo da lateral
Do Campo de Santana
E entrando célere
Na Azeredo Coutinho
Direção: Arquivo
Como um Josej K Qualquer
Deparei-me
Com algo da espécie
Dita “humana”
De cócoras
Pondo ali o seu ovo
Atravessei e pensei
Que ali era
A obra no sentido literal (p. 79)

Novamente o poeta flagra uma cena bizarra envolvendo personagens anônimos das ruas. Mas o que interessa não é a cena em si, porque banalizada pelo modo de vida cosmopolita. A descrição física adquire uma dimensão simbólica à medida que serve de mote para problematizar o caráter lírico do texto literário. Esse é outro território por onde transita a poesia contemporânea de Sebastião Uchoa Leite. Em “Obra lírica” a associação entre o sublime e o grotesco esvazia o sentido de lirismo tal como foi construído pela tradição literária. O lirismo deixa de ser uma manifestação do espírito para enfatizar a natureza material.

Fica posto que a obra lírica contemporânea, na visão do poeta pernambucano, alimenta-se de fragmentos da realidade urbana, perdendo, portanto, o seu caráter purista e essencialista. O leve toque de humor associado à ironia do título, “Obra lírica”, em

que “obra” tem íntima relação com o ato de defecar desconcerta porque, ao aproximar a poesia da vida, destitui ambas de sentimentalismo.

Essa postura é ainda reiterada no poema “O sobrevivente”, da mesma seção de “Anotações” de *A ficção vida*:

O sobrevivente

Outras vezes se passa
Na Azeredo Coutinho
E ali vê-se
Outro espécime
Da “humanidade de cócoras”
(Marcel Mauss)
Uma louca
Discute consigo mesma
Hamlet aos brados
(“Ó minh’alma profética!”)
Rápido contorno
Este “ser ali”
Em alto regozijo
Do meu perfeito juízo (p.80)

Como tem se repetido nos três poemas analisados neste estudo, primeiro o poeta identifica o local exato da ação. A Avenida Azeredo Coutinho, no Rio de Janeiro, mais uma vez é palco de uma cena que parece repetir a cena do poema “A obra lírica”. “O espaço como categoria privilegiada para pensar-se o mundo contemporâneo” (MARGATO e GOMES, 2008, p. 7) configura-se como um não-lugar, pois voltado à circulação e não à permanência das pessoas. Em virtude disso as ações tendem a ser fugidias, “possibilitando a dimensão solitária e autista do indivíduo” (MARGATO e GOMES, 2008, p. 11). Claro exemplo dessa condição é o poema acima transcrito em que a imagem de não pertencimento afasta a personagem da espécie humana. Aliada a essa condição desenha-se uma clara recusa ao mundo (“Uma louca/Discute consigo mesma”) que se projeta no mundo ficcional. A intertextualidade com *Hamlet* põe em cena o espetáculo da degradação humana, no espaço urbano, e o ressignifica, porque o drama do Príncipe Dinamarquês é deslocado no tempo e no espaço, propondo novo ângulo de visão.

Mais do que uma poesia que se constrói de fragmentos, de retalhos, pode-se ler a produção literária de Uchoa Leite como resíduo. Talvez, resíduo, naquilo que recolhe do

que resta de uma poética da tradição literária, naquilo que se constrói a partir da precariedade, seja do ponto de vista temático seja do ponto de vista da construção, da inventividade. Tematicamente, Uchoa Leite trabalha com a deplorável condição humana. De seus versos emanam cenas bizarras e bem humoradas que retratam a fome, a doença e a morte dotadas de força capaz de anular a existência de alguns seres no universo urbano. Passam a ser resíduo humano. Na perspectiva da inventividade, o próprio poema se faz resíduo, haja vista que se apresenta como apropriação dos múltiplos modos de *fazer* literários e não-literários (Uchoa recupera para o universo poético textos científicos, jornalísticos, entre outros) e, consciente desse processo que também podemos chamar de *vampirismo*, coloca em discussão e, ao mesmo tempo, desestabiliza a natureza do literário e do não-literário na contemporaneidade. Metaforicamente, o gesto residual dessa poesia se singulariza por, justamente, reinserir o que está à margem e, numa postura de auto-reflexividade, também se reinsere no universo de onde está prestes a ser banido, o próprio universo poético.

Assim, a poética de Sebastião Uchoa Leite incorpora as tensões da contemporaneidade e configura a fisionomia urbana a partir de imagens fragmentadas dos seres e das coisas. O olhar do poeta, ao flagrar e descrever cenas inusitadas, bizarras e até grotescas, revela também a dimensão filosófica da cidade, permitindo vê-la em sua regionalidade. Nessa poesia a “Cidade Maravilhosa” espraia-se como um não-lugar marcado por relações efêmeras entre indivíduos desterritorializados. Na percepção do poeta os múltiplos espaços urbanos ganham sentidos, ainda que marcados pela precariedade.

Referências b

ARRIGUCCI JR. In. LEITE, Sebastião Uchoa. **A espreita**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

AUGÊ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lucia Pereira. 9ª ed. Campinas-SP: Papirus, 2012.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BÍBLIA SAGRADA. **Tradução do novo mundo das escrituras sagradas**. Cesário Lange-SP: Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.



BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaços literários e suas expansões**. UFMG, Aletria, v. 15, jan.-jun., 2007, pp. 206-220.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio e Janeiro: Rocco, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Região, regionalização e regionalidade**: questões contemporâneas. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/.../360 Acesso em: 08/02/2012.

MARGATO, Izabel e GOMES (org.), Renato Cordeiro. **Espécies de espaço**: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: editora UFMG, 2008.

PELINSER, André Tessaro. **Olhares sobre o regionalismo literário brasileiro**: uma perspectiva de estudo. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/.../427 Acesso em: 30/03/2012.

POZENATO, Luis Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade**. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplInstitutosimhc/institutos/memoria_historica_cultural/artigos/artigo_pozenato.pdf Acesso em 15/03/2012. Acesso em 20/03/2012.

RYCKWERT, Joseph. **A sedução do lugar. A história e o futuro da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Rafael José. **Relatos de regionalidade**: tessitura da cultura. UCS: Revista Antares, n. 2, jul-dez 2009.

SILVA, Paulo Cesar Andrade da. **O poeta-espião**: configuração do sujeito em Sebastião Uchoa Leite. UNESP: Araraquara, 2005. (Tese de doutorado defendida em 13 de maio de 2005.)

SUSSEKIND, Flora. **Desteritorialização e forma literária**: literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. 2002, pp. 11-29. Disponível em: http://www.eca.usp.br/salapreta/PDF04/SP04_01.pdf. Consulta feita em 02/04/2011